

De como tornar-se um filósofo

ou

Conselhos úteis para elaborar o leitor seu sistema filosófico e tornar-se uma celebridade, aprendendo ao mesmo tempo esquivar-se de interpeladores incômodos e ganhar dinheiro falando de suas idéias, com umas reflexões adicionais acerca da celebridade que você irá se tornar.

Para tornar-se um filósofo é preciso, antes de mais nada, construir um sistema filosófico. É necessário de imediato fazer tal distinção, pois sem um sistema filosófico você pode até ostentar um título de doutor em filosofia, mas não será um filósofo, e em face do argumento segundo o qual filósofo (de acordo com o Aurélio) é aquele que cultiva a filosofia, contrapõe-se que simplesmente estudar filosofia não é, neste sentido, cultivá-la, assim como estudar arte é algo completamente diferente de ser um escultor ou um pintor.

Estabelecida esta condição, a saber, a elaboração de um sistema filosófico, vejamos acerca do que o seu sistema irá tratar.

A rigor, não precisará tratar de nada que diga respeito ao

mundo real (esse que nos cerca e ao qual nos acostumamos desde o nascimento), pois de nada do que disser lhe será exigido prova ou uma explicação clara e cabal (pelo contrário, quanto mais obscura for a apresentação de seu sistema, mais profundo parecerá, e serão seus leitores entusiasmados que aduzirão provas e explicações [que, evidentemente, não provarão coisa alguma, mas que ninguém ousará contestar]); há, contudo, alguns aspectos fundamentais que devem ser observados em sua elaboração: ser internamente coerente, possuir originalidade, conter uma série de termos e expressões obscuras, algumas palavras — de preferência sonoras e pomposas — empregadas fora de seu sentido habitual e alguns neologismos que não só serão utilizados pela primeira vez no contexto de seu discurso (do contrário não seria um neologismo), como também só poderão ser adequadamente empregados dentro dele.

A coerência interna, ainda que seus escritos preencham centenas de páginas tratando de coisa nenhuma, deve ser rigorosa. Por exemplo, suponha que alguns elementos do sistema em desenvolvimento possam ser denominados por **xtyryw**, **kacqwey**, **trypt**, **cwerlob** e **lyphtwzvicáhvyä**, e que **xtyryw** implique em **trypt** somente nos casos em que **kacqwey** mantenha uma relação cuneiforme com **cwerlob**, sendo que de outro modo **xtyryw** não implicará **trypt** a menos que **cwerlob** possa ser reduzido à sua forma mais simples, qual seja, uma conformação estrutural **lyphtwzvicáhvyä** trivialmente estratificada juntamente com uma adequação polinômica conjugada de **kacqwey-lyphtwz**, gerando com isso uma desconstrução angarialógica das premissas básicas do sistema. *En passant*, já nos deparamos com alguns elementos mencionados no parágrafo anterior: **primeiro**, uma série de expressões obscuras que, não obstante, deverão estar rigorosamente definidas, porém — não obstante outra vez — de forma incompreensível a fim de, como foi dito, parecerem mais eruditas; **segundo**, o uso de palavras fora de seu significado usual (cuneiforme, polinômica); este é um aspecto particularmente

importante e pode ser dado como exemplo o conceito de “transcendental” na filosofia de Kant, ou “catálise maquínica multirreferencial” na verborragia desnecessária de Deleuze; é certo que ninguém sabe o que um e outro quiseram dizer com tais termos (é bem provável que nem eles soubessem explicar com exatidão), mas é também fora de qualquer dúvida que todos os estudiosos de filosofia afirmam sabê-lo, e afetam ares herméticos e doutorais ao pronunciá-los, e se, por acaso, ensaiam uma definição, esteja certo — e aqui vai também uma lição que lhe será útil no futuro, caro leitor candidato a filósofo —; esteja, portanto certo de ouvir uma explicação que necessitará, no mínimo, de outra explicação para ser entendida; **terceiro**, a inserção de um neologismo: angarialógica. Não se preocupe excessivamente em encontrar um significado para tal neologismo: à medida que o novo sistema filosófico for se tornando conhecido, o significado vai aparecer, sendo certo que até mais de um, gerando com isso entre os futuros estudiosos dissensões e linhas de pensamento divergentes, dando origem quem sabe até a escolas diversas!

Antes de prosseguir, acrescentaremos duas palavras, uma sobre a questão dos termos obscuros, outra sobre as definições incompreensíveis referidas no *en passant*. A primeira é que os termos obscuros podem ser substituídos por palavras em grego, sendo mais simples substituir as letras do nosso alfabeto pelas correspondentes do alfabeto grego: tanto faz escrever **trypt** quanto **τρυπτ**, mas sendo esta última grafia largamente utilizada pelos filósofos, preocupados em demonstrar não apenas que sabem do estão falando (mesmo quando não sabem muito bem), mas também que são muito instruídos; ela cumpre ainda outras funções: causar impressão, pois ainda que o leitor não conheça uma letra grega, intuirá um profundo significado nas idéias expostas (embora decerto elas não tenham significado nenhum); conferir à obra um indiscutível toque de erudição, mais do que necessário, pois não se pode cogitar que um filósofo não seja um erudito; e por fim mostrar ao leitor o quanto ele é ignorante,

desencorajando-o de questionar, contradizer ou simplesmente considerar tudo aquilo uma bobagem. A segunda é que as definições incompreensíveis (p. ex., $\tau\rho\gamma\pi\tau$ = estratificação mistificatória dos fenômenos alógicos integralizantes de uma supranaturalidade objetiva da interconsciência) são um ótimo pretexto para a inclusão dos ditos neologismos e palavras fora de seu sentido habitual.

Essa questão me lembra um outro aspecto importante inerente a qualquer sistema filosófico: as citações. Citações são indispensáveis pois também revelam erudição! Assim, não hesite em lançar mão delas, e vá buscá-las entre os autores mais intrincados, como Fichte p. ex., ou algum mais moderno, como Heidegger e Deleuze, e sua primeira atitude é esta mesma que aí está: nunca diga Johann Gottlieb Fichte, ou Martin Heidegger, ou Gilles Deleuze, pois referir o nome completo sugere um distanciamento entre si e o autor referido. Use sempre o segundo nome, como se se tratasse de um vizinho seu com quem você mantém uma grande intimidade e em cuja companhia tenha por costume tomar o desjejum — *desjejum*, não um vulgar café-com-leite e pão-com-manteiga, que seria imperdoável! — em agradável e elevada discussão acerca da aplicação das “*localizações ultra-lienares do indivíduo na estrutura metassocial moderna em conjunção com a curvatura do espaço não-euclidiano singularizável no qual esse indivíduo se situa subliminarmente, o que se reflete no, e se justapõe ao conceito de angústia de Heidegger em decorrência de uma interpolação pseudomecânica ejaculativa propiciada pela funções maquinaico-lineares nas metabolizações neuroniais pára-simétricas*”. (Note que, conquanto você não mantenha nenhuma intimidade com esses ou quaisquer outros pensadores, dado o seu grau de conhecimento de suas [deles] criações filosóficas — e se não tiver nenhum pouca diferença faz —, é como se tivesse, sim, essa intimidade, pois, digamos, você pelo menos é íntimo de suas idéias.)

Vemos que a tirada em itálico acima não tem qualquer sentido: não é para ter um sentido, como já foi dito, é apenas para ilustrar

como proceder na elaboração das idéias a serem desenvolvidas. Pode-se, em suma, aconselhar: escreva 900 páginas de abobrinhas sem sentido, desde que mantenham uma coerência interna, e você terá escrito um livro do qual algum Michel Foucault que se encontre em seu caminho diga “é grande entre os grandes”.

Uma maneira de assim proceder é, p. ex., colher literal e aleatoriamente um trecho de Fichte: *“O eu se põe no determinado pelo não-eu. Portanto, o eu não deve determinar, mas sim ser determinado. E o não-eu deve determinar; pôr limites à realidade do eu”*; em seguida, e da mesma forma, um de Heidegger: *“A pulsão originariamente unificadora deve-se antecipar a qualquer possível multiplicidade, deve estar-lhe à altura segundo a possibilidade, deve tê-la sobressaído e ultrapassado. A pulsão deve carregar de certa maneira a multiplicidade em si e fazê-la nascer em si pela ex-pulsão”*. E agora, pergunta-me o futuro filósofo, o que fazer com este abacaxi? Muito simples: conjugar suas pretensas similaridades. Senão vejamos:

a) O que é a pulsão senão o ato de o eu pôr-se determinado no não-eu? E o que é a multiplicidade senão a conjunção do eu com o não-eu, que assim o determina? O fato de o não-eu impor limites à realidade do eu não será, p. ex., a ex-pulsão que nasce da multiplicidade da conjunção eu/não-eu carregada em si pela pulsão?

Note o leitor que os dois fragmentos tanto servem para concordar entre si, como para discordar. Vejamos, se for essa sua intenção, como mostrar que Fichte e Heidegger discordam amplamente da questão aduzida:

b) Quando se põe no determinado pelo não-eu, o eu nega-se à pulsão unificadora, pois a pulsão deve antecipar-se a qualquer multiplicidade, porém o eu já, de *per si*, por sua unicidade, a ela se antecipa, do que resulta que o eu pelo menos torna essa pulsão obsoleta; além do mais, se o não-eu põe limites à realidade do eu, está claro — e todos podem percebê-lo sem a menor sombra de dúvida — que a pulsão, tornada obsoleta e desnecessária, já não leva em si a mul-

tiplicidade, mas apenas se converte/redunda na unicidade do eu. (Neste segundo exemplo, observamos uma ênfase em função do trecho de Fichte, mas a ênfase pode ser dada em função do trecho de Heidegger, é só inverter o sentido do discurso, e fica para o leitor fazê-lo, à guisa de exercício.)

O leitor, perplexo, exclamará: “Mas não é possível! Ou foi uma tremenda coincidência, ou V. S.^a. esgaravatou os textos até achar dois parágrafos que pudessem coadunar-se dessa maneira!”, diante do que eu simplesmente replico: “Nada disso, caro leitor, fiz exatamente como sugeri: apanhei aleatoriamente um trecho de um e um trecho de outro, e para tanto apenas abri um volume de um e um volume do outro e colhi o primeiro parágrafo que me caiu sob as vistas em cada um dos volumes!” Coincidência, então? Nem tanto. Como do nada somente o nada se produz, pode-se acrescentar que os nadas se complementam, e que é muito mais provável dois parágrafos colhidos dessa forma em tais obras se combinarem do que não se combinarem, assim como é certo que se combinarão às mil maravilhas com as idéias, quaisquer que sejam elas, que esteja desenvolvendo em seu sistema, e até mesmo se não houver idéia alguma — com o que, vemos que basta um pouco de paciência e você poderá recheiar de erudição suas escrevinhações.

Dito, contudo, o “*en passant*” supra, acrescido das “duas palavras” (que foram bem mais de duas, como o leitor pôde notar), e como o parágrafo já se estendesse em demasia, achei de bom alvitre iniciar outro a fim de dizer o que deveria ter dito naquele. Trata-se da coerência entre as definições e assertivas que forem feitas no corpo do sistema e do sistema como um todo: parece-me claro que se você, como candidato a filósofo, pretende um volume substancial, que ocupe um expressivo número de páginas (note que quanto menos tiver a dizer de concreto, maior deverá ser o número de páginas!), os termos obscuros não se limitarão apenas a quatro ou cinco, mas a pelo menos dezena e meia, e mesmo as palavras opulentas e

neologismos deverão aparecer em maior número, por ser imperativo que a obra, no conjunto, produza uma impressão — ainda que falsa — de profundidade. Ora, por que isso? Porque, se você tiver de fato algo significativo a dizer, fará empenho em ser entendido; para não tornar-se enfadonho com uma prolixidade desnecessária, terá o cuidado de expor suas idéias com a maior clareza e concisão possível (sem que isso implique em superficialidade!). No entanto, como ao construir um sistema filosófico que se preze é provável que não tenha nada importante a referir, ou o faz de uma forma hermética, tornando-se não impossível pelo menos extremamente laborioso para o comum dos mortais penetrar o emaranhado de arranha-gato que elaborou, ou nosso candidato a filósofo será tachado de superficial e pouca ou nenhuma importância será conferida a seu trabalho. E é neste ponto que reside um grande risco: quanto mais complexo o encadeamento das idéias, mais chances de cometer um deslize, ou seja, de meter os pés pelas mãos, em uma palavra: de cair em contradição. Digamos que no § 5º da seção terceira do segundo capítulo da primeira parte do sistema em construção encontre-se a afirmativa, como foi dito acima, de que $\xi\tau\psi\rho\psi\omega$ (ponhamos agora em grego) implica em $\tau\rho\gamma\pi\tau$ somente nos casos em que $\kappa\alpha\chi\theta\omega\epsilon\psi$ mantenha uma relação cuneiforme com $\chi\omega\epsilon\rho\lambda\omicron\beta$, feitas as devidas ressalvas; e no § 8º da seção segunda do sexto capítulo da décima parte, esquecendo-se desse detalhe, afirme que $\xi\tau\psi\rho\psi\omega$ implica em $\tau\rho\psi\pi\tau$ também nos casos em que $\kappa\alpha\chi\theta\omega\epsilon\psi$ em consonância hermético-intratemporal com $\lambda\psi\pi\eta\tau\omega\zeta\omega\iota\chi\alpha\eta\psi\alpha$ mantenha uma relação cuneiforme com $\psi\pi\chi\omicron\zeta\omega\epsilon\lambda$, sabendo-se que $\psi\pi\chi\omicron\zeta\omega\epsilon\lambda$ está em total contradição com — ou nos antípodas da conceituação subliminar básica de — $\xi\tau\psi\rho\psi\omega$, de forma que são elementos reciprocamente excludentes: todo seu edifício estará comprometido, pois essa dita relação cuneiforme pode ser de fundamental importância para a desconstrução angarialógica, enquanto a sugestão de $\psi\pi\chi\omicron\zeta\omega\epsilon\lambda$ pode — em face do exposto — levar a uma situação inversa, uma

retransposição do conceito diminutivo/ascendente de $\lambda\psi\pi\eta\tau\omega\zeta$, ou seja, de uma verdadeira construção angarialógica meta-moderna, o que, dependendo do caso, criaria um ambiente insustentável. Resultado: seu sistema possui uma gravíssima falha, e se for publicado na forma em que se encontra não lhe faltarão acusações de ser falacioso, sofista (no mau sentido) e tolo. Que desastre: ser chamado de tolo — e com isso ver sua carreira de filósofo ir por água abaixo — simplesmente por ter cometido uma distração, humanamente possível, na 536^a página de um tratado que, no todo, possui mais de novecentas! Portanto, atenção: todo cuidado com os detalhes ainda será pouco.

Esta última linha me faz lembrar um outro aspecto importante: tratado! “Trate” seu sistema com o carinho que ele merece, e alterne entre chamá-lo de **sistema** e de **tratado**. Veja: esta é uma palavra opulenta que sugere abrangência e profundidade, sendo exatamente isso o que lhe interessa: abrangência e profundidade, e é por essa razão que se aconselha não regatear nos termos obscuros. Podemos portanto considerar que em torno de três a quatro dezenas é um número melhor do que apenas dezena e meia, pois me parece indispensável que cada termo tenha pelo menos um sinônimo, e alguns até mais de um, ou seja, um para o trivial, outro para os casos especiais e um terceiro e até um quarto para acepções mais raras. Por exemplo, $\tau\rho\psi\pi\tau$ pode significar “extensão $\phi\gamma\eta\iota\lambda\omicron$ ” nos casos simples, e “sub-extensão $\phi\gamma\eta\iota\lambda\omicron\text{-}\omega\iota\theta\psi\rho$ ” em situações cuneiformes-analíticas, “via círculo-linear tangencial obtusa em condutos $\lambda\psi\pi\eta\tau\omega\zeta$ -virtuais” em reconstruções sócio-econômicas polimerizadas, tornando mais rico e expressivo o universo em que você irá transitar durante suas elucubrações.

Algo que não ficou claro no acima exposto foi o tópico originalidade, sobre o qual, todavia, não há muito o que dizer: seu sistema será tanto mais original quanto mais se distancie daquilo que outros filósofos disseram, portanto não hesite em ser iconoclasta.

Como já foi dito antes, nas referidas “duas palavras”, cate quaisquer citações, jogue-as no liquidificador e o caldo que der servirá para alguma coisa: no mínimo para pôr em termos de comparação algumas de suas idéias e essas tais (mesmo que nada tenham a ver umas com as outras, e nesse caso você será considerado ainda mais polêmico, sutil e profundo!), mostrando nesse caso que aqueles autores estavam de todo equivocados, pois à luz de sua compreensão — que vem sendo exposta minuciosamente — aqueles problemas foram abordados de forma ou imprecisa, ou incompleta, ou inadequada, ou tudo isso junto, e neste ponto trate de ARRASAR o que eles disseram, não sem o cuidado de recheiar sua argumentação (que deve ser construída com períodos longos e cansativos de forma que o sentido se torne difícil de apreender-se, mas não incoerente) com uma enfiada dos tais termos obscuros, caracteres em grego (e até em hebraico, se for o caso e você conhecer alguns de vista, ainda que ignorando o que signifiquem), neologismos, palavras pomposas com conotações inusuais etc. No fim das contas, nada terá sido dito, mas seus admiradores e os intelectuais da área farão de seu tratado uma nova Bíblia do pensamento moderno, ou neo-moderno, ou neo-neo-ultra-moderno, o que com um pouco de sorte poderá acabar acontecendo.

Indispensável também é que, no sistema em construção, apareça freqüentemente a palavra “ciência” e algumas do jargão da ciência, pois esta é uma palavra pela qual os filósofos têm grande apreço. Claro está que eles pouco ou nada sabem de ciência, e invariavelmente usam o jargão de forma incorreta ou, no mínimo, inadequada, mas acalantar a ilusão de que sua filosofia também faz parte desse outro arcabouço do conhecimento humano — tão difícil e acessível apenas a uns poucos — é para eles algo de grande importância (não fosse, essa palavrinha [quase] mágica não seria encontrada em todos ou quase todos os escritos filosóficos de que se tem notícia, havendo inclusive aqueles que pretenderam doutrinar sobre

ciência — embora pouco ou nada tenham dito de proveitoso ou de efetivamente científico).

Supondo então que você arregaçou as mangas e botou a coisa pra frente (não me tome equivocadamente o sentido de “coisa pra frente”, não sejamos obscenos! Estou falando do seu sistema filosófico), é possível que ao fim de uma dezena de anos de “sangue, suor e lágrimas” a obra esteja finalmente pronta. Vou supor mais, revisada várias vezes para evitar contradições e que, apesar de não haver nessas quase mil páginas nada que diga respeito a nada, e que no conjunto seja uma coisa que oscile entre a abstração da matemática (sem ser matemática) e a inutilidade da arte (sem ter nada a ver com a arte), trata-se de uma obra acabada, monolítica (é importante que adjetivos sonoros lhe sejam aplicados para valorizá-la) e a caminho do prelo.

Fazendo tais suposições, é hora de pensar num título. Não posso sugeri-lo, pois mesmo que os termos obscuros e o neologismo que citei como exemplo tenham sido aproveitados, a verdade é que não sei sobre o que você, caro leitor, escreveu. Posso, no entanto, dar algumas orientações quanto à escolha, considerando profícuo exemplo este mesmo texto, que possui um título bastante longo e de acordo com seu conteúdo, mas que pode ser referido apenas pela frase inicial. Considere que um título deve proporcionar ao leitor uma idéia daquilo de que trata o livro, e para que assim seja busquemos exemplos em outras obras filosóficas: diversas têm como título um resumo de seu conteúdo, donde se conclui que o título ideal pretendido deverá encher pelo menos dezoito a vinte linhas; mas como um título assim seja pouco prático, escolhamos um resumo dessas dezoito ou vinte linhas, e a coisa fica mais ou menos assim “Tratado sobre (...)” seguindo-se as dezoito ou vinte linhas referidas. Desta forma o título encontrado será — como se espera — longo e tedioso, prevalecendo todavia a referência mais breve e imediata à idéia central abordada, passando sua obra no fim das

contas a ser conhecida apenas como “Tratado sobre (...)”, muito adequado para quando seu nome figurar entre os dos autores consagrados.

O que não será difícil: tendo sido criterioso e, unindo prolixidade, complexidade e esterilidade, escrito novecentas páginas sobre coisa nenhuma, que no entanto darão o que pensar aos exegetas, criarão dissensão entre os filósofos já estabelecidos, alguns afirmando que o “Tratado” coroa brilhantemente uma linha de pensamento que teria começado com os gregos cinco séculos antes de Cristo, outros que o autor ingressou num caminho sem saída criando mais problemas do que resolvendo, e ainda outros afirmando com todas as letras que seu “Tratado sobre (...)” arremata um conjunto de idéias que eles (esses outros) já teriam esboçado e apresentado de forma embrionária em obras anteriores (ainda que seja impossível perceber a ligação entre uma e outras); e, por fim, se tornarão um quebra-cabeças para todos; tendo, portanto, sido criterioso a esse ponto, é certo que pelos motivos acima aduzidos (além de outros que com vagar se podem tirar da cachola, e se além disso saiu uma fotografia sua de página inteira na contra-capla do volume — na qual você deverá assumir um ar distante, como de alguém mergulhado em profunda meditação [mais ou menos como a aparência de um doido recém-ingresso no hospício e após uma dose cavalal de um dopante qualquer]), se você ainda não se tornou está a caminho de tornar-se uma celebridade, e só o que falta é começar a “ser visto”, discretamente, aqui e ali nos chás literários e filosóficos.

Não há de demorar reconhecerão, ao vê-lo, aquele rosto pleno de luz e sabedoria que aparece na capa dessa obra que “se tornou o centro dos comentários, vejam, é ele mesmo, será que ele nos daria a honra de esclarecer alguns pontos obscuros?”, e logo você se verá cercado de leitores. Mas não se iluda: serão leitores “em termos”, pois bem poucos terão lido o livro na íntegra (assim como ninguém de bom senso lê hoje em dia na íntegra a Estética, de Hegel, ou a

Crítica da Razão Pura, de Kant, ficando apenas com os resumos, que são menos maçantes e mais objetivos), e desses um número ainda mais reduzido terá percebido o nexo pretendido com tal verborreia, nexos este que não acrescenta nada ao mundo, mas que se encontra tão emaranhado ao longo daquelas centenas de páginas, que somente um número muito pequeno de leitores o terá percebido (quero dizer, percebido o nexos, e não que ele não acrescenta nada ao mundo, pois quem irá entender dessa forma a obra de um gênio?).

Não se iluda, mas ao mesmo tempo fique feliz: você já é uma meia-celebridade (que importa ser lido e compreendido — ou nem compreendido — em tal circunstância?), e não tardará a tornar-se uma celebridade inteira. Contudo, para que isso aconteça mais rapidamente, é aconselhável observar umas poucas mas muito úteis regrinhas práticas.

Por exemplo, é preciso estar sempre apto a explicar suas idéias, tanto no todo quanto em parte. Não que tais explicações devam ser claras e objetivas pois, como é bom lembrar, são novecentas páginas sobre nada, e sendo assim não se pode esperar uma explicação direta, seja de alguma particularidade do sistema, seja do sistema como um todo. Por outro lado não é possível deixar sem resposta alguém que faça uma pergunta, pois como é lógico pressupor, o autor sabe sobre o que escreveu (conquanto nós saibamos que talvez não seja bem assim) e deverá saber tirar dúvidas (mesmo que isso signifique criar outras tantas, ou até mais). Portanto quando alguém lhe perguntar qual o real significado da palavra “cuneiforme” no contexto de seu sistema (pois por mais que tenha quebrado a cabeça, esse leitor não conseguiu aplicar o significado comum), esteja pronto para responder, e pode para isso tomar como exemplo o já citado exemplo de “transcendental” na filosofia de Kant, dando uma resposta incompreensível mas ao mesmo tempo satisfatória. Já os termos obscuros podem ter seu significado apreendido da própria

leitura, assim como o neologismo, mas será sempre bom que se previna também quanto a eles, mantendo uma série de definições na ponta da língua.

Contudo, quando um leitor lhe dirigir uma pergunta para a qual não tenha uma resposta imediata, assuma uma atitude ausente e concentrada, sendo útil também semicerrar os olhos e suspirar profundamente (se preferir, acrescente a esses trejeitos faciais um biquinho com os lábios, que servirá para reforçar seu ar compenetrado). Com isso há de impressionar o interlocutor, que verá nisso o gesto de um sábio, e já estará pronto a aceitar sem discussão nem margem de dúvida boa parte de sua resposta; surgindo alguma pergunta nesse transcurso que queira fazer, ou não fará, intimidado ante a possibilidade de incomodar um gênio com suas questiúnculas de reles mortal, ou o fará de forma tão vaga e hesitante que uma resposta igualmente vaga (mas não hesitante, neste caso!) de sua parte será suficiente para fechar a questão, e o importuno estará afastado definitivamente. Mas como responder ao importuno? Nada mais simples: se não tiver à mão um exemplar do seu sistema, é só dizer que para sanar tal dúvida seria preciso ter o livro consigo, e se não for possível obter um exemplar naquele momento, comprometa-se com o importuno, anotando-lhe a questão e o *e-mail* e prometendo uma resposta, da qual você simplesmente se esquecerá, pois como um homem sábio, é também muito ocupado (está em constantes elucubrações, o que lhe impede de pensar nas coisas banais do cotidiano, tais como abrir a caixa de *e-mails* e responder a perguntas importunas). Porém, pode dar-se o caso de haver à mão um exemplar do seu sistema. E agora? Lembrando que sua obra ocupa um volume de fato “volumoso”, abra-o em qualquer página diante dos olhos do perguntador, folheie pra lá e pra cá, como se estivesse procurando o texto no qual contém a resposta e pare numa página qualquer, num parágrafo qualquer, reflita um pouco e passe mais algumas páginas, sempre com ar de quem medita (não se esqueça do biquinho com os

lábios, nesse momento ele é indispensável, acrescentado de um semi-cerrar dos olhos!), e por fim aponte um parágrafo (que por certo não tem nada a ver com a questão em tela, mas é justamente aí, no inesperado do “nada a ver” que reside a argúcia, a profundidade e o encanto de sua resposta, que muito cativará o importuno perguntador) e diga algo como “a relação intrínseca do que diz aqui com a sua pergunta já é uma meia resposta”, acrescente mais alguns dos termos obscuros contidos no volume, improvise uma relação que absolutamente não existe mas que passará a existir, e diga polidamente ao seu interlocutor que medite sobre aquilo. Não tenha dúvida: ele sairá de sua presença em estado de graça e certo não só de ter compreendido plenamente sua explanação como também de estar a meio caminho de tornar-se um especialista em sua filosofia, dizendo consigo mesmo “mas era exatamente nisto que eu pensava”. Com a vaidade inflada por ter sido tão arguto em assunto tão espinhoso é possível mesmo que já esteja cogitando escrever um tratado sobre seu “Tratado”. (Acerca do que poderá sair daí nem é bom que se especule. De vacuidades já bastam a sua e as outras filosofias.)

Vamos porém imaginar que o perguntador importuno não é daqueles que se satisfazem com esse tipo de resposta, ou seja, quando você agir conforme foi ensinado no último parágrafo, ele resolve insistir no assunto afirmando que não compreende as relações apontadas entre uma coisa e outra, e pede-lhe com a devida polidez, mas que não deixa de ter um ar de impertinente imposição (à qual, todavia, é bom não opor uma reação de desagrado sob o risco de angariar, em vez de um admirador, um detrator do seu sistema), que seja mais claro em sua abordagem do assunto; se isso, portanto, acontecer, lembre-se de que uma atitude bem estudada tem o poder de mil palavras. Nesse momento você saberá que tem à sua frente um chato: será alguém que, como outros leitores de filosofia, perdem seu tempo com abstrações inúteis; ou alguém que pode muito bem estar querendo pegá-lo pelo pé, mas ainda assim um chato, e para tratar

com os chatos — e principalmente livrar-se deles — é preciso tino. O que fazer então?

Primeiro, feche o livro e meta-o debaixo do braço numa atitude decisiva e tome o chato pelo braço conduzindo-o, digamos, a um outro cômodo, enquanto começa a improvisar uma “história” acerca da maneira como lhe surgiu a inspiração para tratar os assuntos abordados em seu sistema. Em vez de despachar o chato, aproxime-se dele, e se tiver uma mesa com cadeiras nesse outro cômodo, de preferência se não houver ninguém por ali, acomodem-se, procure sentar-se bem ao seu lado, puxando a cadeira mais para perto da dele numa atitude de intimidade e simpatia, operação durante a qual deverá continuar sua história acerca das origens de suas “meditações angarialógicas”. Para isso é preciso uma certa dose de esperteza: tenha sempre uma história assim previamente alinhavada! Faça muitas voltas, cite episódios, deixe o tempo passar, e depois de mais ou menos uma hora falando é possível que já o tenha conquistado, inflando-lhe o ego, pois afinal se um gênio perde tanto tempo com ele é porque ele, com sua pergunta, pareceu ao gênio não só merecedor de sua atenção e estima, mas, pelo fato de a questão aventada ser tão profunda, um quase gênio também! (Ou, no mínimo alguém dotado de uma elevadíssima capacidade intelectual! E se ele tiver apenas a intenção de pegá-lo pelo pé, a essa altura já terá desistido) Depois desse tempo, abra novamente o livro e refira não só uma ou duas passagens, mas pelo menos uma dúzia delas, que decerto terão pouca ou nenhuma relação com o que lhe foi perguntado, mas que você mostrará que tem, e que ele aceitará já por puro cansaço e impossibilidade de acompanhar seu arrazoadado. Considerando que já se passaram pelos menos umas duas horas desde o início da conversa, ao deixá-lo (boquiaberto, diga-se de passagem), poderá estar certo de que ele levará muitos dias meditando no emaranhamento em que você o enfiou. O resto é o de sempre: um gênio não responde a *e-mails*.

Outra regrinha importante é quanto a palestras, para as quais certamente o convidarão.

Se o seu nome ainda não figura entre os dos pensadores célebres, estude a conveniência de atender à maioria dos convites para palestras: é importante tornar-se conhecido, e como isso leva algum tempo, é necessário que você — como foi dito — apareça. Se além de “visível” o palestrante é ainda simpático, terá mais chances de tornar-se conhecido em menos tempo, portanto seja sempre simpático, experimente contar algumas piadas antes de entrar no assunto (lembre-se, o “Tratado” não é uma piada, ainda que não se possa dizer que seja algo sério, portanto é preciso descontraír a assistência).

Vamos considerar, porém, que depois de um certo tempo o nome do autor do “Tratado” (o seu nome, seja dito) comece a ser citado com regularidade no meio filosófico e em publicações do gênero, referido com reverência nesse mesmo meio e em tais publicações, enfim, tenha-se tornado o que comumente se conhece por “autoridade”. É o momento de começar a recusar a maioria dos convites para palestras, mas para que essa recusa não pareça antipática tome algumas medidas profiláticas tais como: alegar falta de tempo, agenda cheia, estar trabalhando numa obra nova que muito o absorve e, principalmente, passe a cobrar um valor bem salgado para comparecer e ficar ali por uma ou duas horas falando abobrinhas, valor que deverá ser o mesmo, parta o convite de um órgão milionário que possa prover como tira-gosto para os presentes o melhor caviar, parta de uma escola pública (que nunca dispõe de verba necessária nem mesmo para a merenda dos alunos): esta é uma medida duplamente importante, pois, primeiro, quando você der uma palestra receberá uma significativa bolada, que compensará o sacrifício; segundo, quando uma vez ou outra aceitar convite de alguma entidade pobre que, portanto, não lhe poderá pagar, sua imagem de homem magnânimo, desprendido dos bens materiais, estará definiti-

vamente firmada: “Oh” dir-se-á à meia-voz entre os presentes quando você passar com sua aura de sábio, “ele não se prende a mesquinhas, veio honrar-nos com uma palestra sem cobrar um níquel”; “mas claro” sentenciarão outros, “pois é um filósofo”; “sem dúvida” uns terceiros dirão, prontos a confirmar, “vive conforme a filosofia” — mesmo que sua filosofia nada refira sobre ser magnânimo, o que não tem importância nenhuma, pois o certo é que 98 % da assistência nada sabe de concreto acerca do que diz o “Tratado”, e os outros 2 % em absoluto não o compreendem.

Isso quanto a fazer palestras de graça ou cobrar por elas (ou, em outras palavras, quanto a ganhar dinheiro e ao mesmo tempo parecer generoso). Mas, e quanto à palestra em si?

É aqui que deve entrar boa dose de malícia: como todos sabem — e já foi dito acima —, um pensador não dispõe de muito tempo, portanto sua palestra deverá durar no máximo duas horas (e já é excessivo!). Como encher esse tempo falando de suas idéias, das quais de sólido há muito pouco que dizer? Um bom recurso é chegar uns vinte minutos atrasados e só conceder dez de desconto no final (ou nem concedê-los, conforme a situação); outro, é gastar pelo menos quarenta minutos falando de sua vida e de como iniciou-se na filosofia, e mais quarenta expondo os conceitos centrais de seu pensamento (mesmo que nele não haja conceito nenhum, o que é mais certo); brincando, já lá se foi uma hora e meia. A meia hora final é dedicada a responder perguntas; faça-o sempre de forma minuciosa a fim de demorar o mais que puder. Não será difícil ocupar meia hora com isso, mesmo porque sempre dá resultado fingir que não compreendeu uma o outra pergunta e pedir ao “perguntante” que a repita de forma mais clara e detalhada. A arte de fazer circunlóquios completará o tempo de sua provação, bem recompensado pelo gorrodo cheque que será depositado em sua conta.

Haverá outras gracinhas? Confesso que não me lembra nenhuma, o essencial parece ter sido dito para que seu tratado seja

escrito e alcance o sucesso. O que faltar será sempre o imprevisível, e então vire-se como puder.

Por descargo de consciência, porém, acrescento um derradeiro conselho: tomar por modelo o Pacheco, do Eça de Queiroz. Vamos encontrá-lo n'A Correspondência de Fradique Mendes, epístola número 8, a um certo senhor E. Mollinet, diretor da Revista de Biografia e de História. Vemos ali descrita a grande personalidade nacional que foi o Pacheco, que ocupou os mais altos cargos em seu país e chegou a Ministro do Reino rebocado por seu imenso talento, do qual, no entanto, só vieram à luz em toda sua vida uns poucos gestos e frases, que no fim das contas não significavam nada mas no que todos vislumbravam maravilhados umas entrelinhas repletas de antes insuspeitado brilhantismo. Ora, se o Pacheco chegou a Ministro do Reino devido a seu imenso talento que, contudo, traduziu-se tão só por uns gestos vagos e umas poucas alocuções que nada diziam, do que não serão capazes as novecentas páginas de sua filosofia, que igualmente não dizem nada mas pelo menos têm substância e volume? Creio — melhor dizendo, ousa vaticinar — que serão capazes de alçá-lo ao panteão não dos gênios, mas dos deuses!

E uma vez que galgar esse pedestal, será praticamente impossível que o arranquem dele. Mesmo que alguns detratores lhe caiam de bordoadas no lombo (figuradamente, claro, pois o lombo de uma celebridade é sagrado, nem lombo será, mas dorso divinamente guarnecido por finíssimas sedas de Surat e rendas de Chantilly), você poderá contar com defensores fiéis e acirrados, pois uma coisa é certa entre os homens: há sempre Pachecos e mais há os que se dipõem a cair em sua defesa, e estes como se sentem bem em fazê-lo!

Se, no entanto, você é dos que ainda têm algum escrúpulo e amor próprio, pode ser que a essa altura esteja dividido entre a necessidade da glória como filósofo e a da paz que até então gozou no anonimato, mormente porque em seu íntimo encontra-se a certeza de

que essa glória é uma vaidade em toda a acepção da palavra: vaidade, vanidade, *vanitas*, coisa vã...

Vale a pena ser uma celebridade vazia?

Muitas há por aí, e até fazendo história, mas somente você poderá responder a essa perguntinha incômoda, que também muitos preferem esconder no fundo do baú enquanto metem mãos à obra e iniciam outro “tratado sobre coisa nenhuma”.

Nota final

Pintor, poeta e escritor, escrevi o presente ensaio — ou melhor, esta agradável ironia — devido essencialmente a minha irritação perante o blá-blá-blá das filosofias existentes por aí, de parca ou nenhuma utilidade, a não ser como divertimento para intelectualóides encastelados em suas torres distantes da realidade do mundo. Isto, mormente pelo fato de que, a despeito de toda a tinta gasta com as baboseiras filosóficas de todos os tempos, vem a Ciência, paulatinamente, derrubando por terra suas precárias “verdades”.

Acrescento, a título de ilustração, o divertido episódio envolvendo o famoso Richard Feynman, Nobel de Física: certa vez lhe perguntaram o que ele pensava da Filosofia, respondeu apenas com duas letras, um “b” e um “s”. Na verdade Feynman abreviou o termo *bullshit*, que significa “conversa fiada”.